

ANC p. 2

O último acordo 28 ABR 1988

Qualquer conversa com fonte destacada e credenciada do Palácio do Planalto nos dá a sensação de que, no topo do poder, como fora, a mesma insatisfação com os destinos do País campela por igual. No âmbito da assessoria presidencial não são poucos os descontentes com o estado de coisas que vai-se desenrolando na Constituinte e na sociedade. Não são poucos os brasileiros que estão tirando passaporte para viajar para fora mas apenas com passagem de volta, informava-nos o delegado Romeu Tuma.

Mas no Planalto, o suposto Olimpo e torre de observação do País, grassa um visível desencanto, que nem o elegante discurso proferido ontem pelo ministro Ronaldo Costa Couto na posse do jornalista Carlos Henrique como secretário de Imprensa, do presidente Sarney, e elogiando o trabalho dos que estão saindo — jornalistas Antônio Carlos Drummond e Silvestre Gorgulho — conseguiu disfaçar. Costa Couto é um abnegado auxiliar que absorve dores desde a morte de Tancredo, e as vem absorvendo, por ofício, para dar ao Presidente da República uma cobertura digna na análise dos fatos econômicos — na qual funciona como “advogado do diabo” — uma ajuda relevante nos fatos políticos, e especial assessoria para os fatos administrativos.

Mas nem por isso Costa Couto, ou mesmo Jorge Murad, Saulo Ramos e os demais do primeiro time presidencial conseguem esconder uma certa fisionomia de **opera finita**. O Presidente é justo e humano, de trato amável, e encanta pela capacidade de

ser tolerante. Na noite de terça-feira, postou-se longamente ao sereno, na Academia de Tênis de Brasília, ouvindo estrelas. Os ministros militares estavam todos presentes.

Na etapa decisiva, porém, é que o carro estanca. Não sairão as zonas de processamento de exportações, pois a Constituinte sequer decidiu como fica a relação entre o capital nacional e o estrangeiro. Não sairá a reforma administrativa profunda, para extinguir, fundir ou diminuir órgãos públicos, pois os políticos que nomearam funcionários aproveitam-se da bondade do Presidente para impedir que um só amanuense seja trocado. Medidas de austeridade econômica, amargas e necessárias, só sairão com a negociação de novos pactos, o político decorrente dos acordos na Constituinte. O ministro Mailson da Nóbrega terá que viajar a Nova Iorque, hoje à noite, de mãos vazias.

A angústia diante das indefinições vem de quem mais conhece e torce pelo êxito de Sarney. E o drama palaciano se amplia na medida em que se pressupõe que o arquétipo da nova Constituição tem sido montado para não durar muito tempo. Na área econômica, o País marcha para uma hiperinflação, e nenhum remédio poderá detê-la. Na área política, os partidos já acabaram, e o PMDB tem data certa para ser penalizado nas próximas eleições municipais. O Governo tem todas as horas marcadas com a crise.